



Religião e literatura na poética mística de Adélia Prado

Religion and literature in the mystic poetry of Adelia Prado

Josias da Costa Júnior *

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a relação entre religião e literatura a partir poética mística de Adélia Prado. Apresentarei brevemente alguns métodos que exploraram e ainda exploram essa aproximação. Também mostrarei a estreita relação entre mística e poesia e como ela se apresenta na obra de Adélia Prado. Essa estreita relação permite-nos nomear a obra de Adélia Prado de poética mística e é a partir dessa noção que será feita uma leitura teológica na poética da mineira de Divinópolis, destacando as reflexões sobre importantes aspectos para a tradição teológica cristã e para a existência humana em geral que emergem da sua poesia. A conclusão do percurso é que a poética mística de Adélia Prado é profundamente marcada por uma caminhada rumo à iluminação mística, o que nos permite dizer que se trata de uma canção que celebra a vida em seus mais diferentes aspectos, afirmando o corpo como lugar de encontro com Deus.

Palavras-chave: Adélia Prado. Religião. Literatura. Mística. Poesia.

Abstract

This article reflects on the relationship between religion and literature in the mystical poetry of Adelia Prado. Some methods that have explored such relationship will briefly be presented. This paper also aims to explore the close relationship between mysticism and poetry and how it is presented in the work of Adelia Prado. This close relationship helps us to make a theological study of the poetry of Adélia and also allows us to highlight some insights on important aspects of her poems for Christian Theology e for human being. In sum, the mystical poetry of Adélia Prado is deeply influenced for a path towards mystical enlightenment, which allows us to say that her work is a like a song that intends to celebrate life in its different aspects, highlighting the human body as the place where the human being finds God.

Keywords: Adélia Prado. Religion. Literature. Mystical. Poetry.

Artigo recebido em 23/12/2011 e aprovado em 22/03/2012.

* Doutor em Teologia (PUC-Rio). Professor de Teologia Sistemática e História da Teologia no Centro Universitário Metodista Bennett, Rio de Janeiro. País de origem: Brasil. E-mail: josiasdacosta@gmail.com

Considerações iniciais

Neste ensaio, tratarei de um tema que é estimulante e desafiador, pois a ideia é realizar uma abordagem que une experiência estética e experiência religiosa. Isso se torna ainda mais desafiador e estimulante quando essas interseções são expostas a partir da obra de Adélia Prado. Parto da convicção de que o universo ficcional de Adélia Prado é pleno de uma aura de mistério, de tal maneira que toda experiência de vida equivale a uma experiência de Deus, como se desejasse colar cuidadosamente os estilhaços da existência em um todo. A poesia é o elemento que possibilita o resgate de experiência da realidade que a moderna sociedade tecnologicamente cientifizada abandonou. Nesse universo de ficção tecido pela pena adeliana, o cotidiano é eivado de sacralidade, assim como a temporalidade é eternizada e o imanente resguarda transcendência.

A relação entre mística e poesia não é recente e não são poucos os casos na história em que isso acontece. É possível mencionar, somente para ilustrar, entre os místicos que não são considerados teólogos ou filósofos e tidos como poetas ou escritores: Ângelus Silesius, Hildegard von Bingen, Teresa D'Ávila, Mechthild von Magdeburg. Deter-me-ei aqui somente na poética de Adélia Prado.

1 Sobre as aproximações entre teologia e literatura

É cada vez mais crescente o interesse pela aproximação entre teologia e literatura, tanto nas esferas dos estudos de religião quanto nas dos estudos de literatura. Existem diferentes modos para esse empreendimento e não tenho a pretensão de explorar todos os métodos existentes, mas apresentarei brevemente alguns métodos que são propostos. A primeira relação que se pode estabelecer entre teologia e literatura é através da *leitura teológica de uma obra literária* (MAGALHÃES, 2000; BARCELLOS, 2001). Nesse método, a teologia não apenas reflete criticamente sobre os seus conteúdos e sua linguagem, mas, também, faz de uma realidade humana qualquer objeto de reflexão teológica. Ora, se a literatura é testemunha de uma realidade humana, é perfeitamente possível afirmar a viabilidade de uma leitura teológica de qualquer texto

literário. O teológico propriamente dito, nesse caso, é o método de leitura que se aplica à obra. Nesse caso, o texto literário é o objeto (*objeto material*) a partir do qual é elaborado o teológico propriamente dito (*objeto formal*).

O trabalho desenvolvido por Antonio Manzatto (1994), a partir da obra de Jorge Amado, é referência no método supramencionado. O autor destaca a importância da literatura na compreensão da realidade humana: “Se a sociologia pode dar uma ideia de certas estruturas, é a literatura quem nos põe em contato com uma face da realidade humana vivida e sentida” (MANZATTO, 1994, p. 37). A obra de Jorge Amado testemunha certa situação humana, colocando diversas formas de humilhação e desumanização juntamente com a vontade e a alegria de viver do ser humano, aberto à esperança e ao futuro. Certamente, essa é uma temática muito fecunda para uma leitura teológica, na perspectiva da libertação. O que se tem com esse método é a literatura no lugar da filosofia e das ciências humanas, oferecendo a quem faz teologia a visão da realidade sobre a qual se quer refletir teologicamente. Manzatto (1994) vale-se da visão antropológica de Jorge Amado, conferindo-lhe uma interpretação teológica. Para o autor, “[é] o caráter antropológico da literatura que é importante para a teologia” (MANZATTO, 1994, p. 69). Assim, Manzatto (1994) entende que os romances, como são essencialmente antropológicos, são terrenos ideais para discussões de questões teológicas.

A reivindicação de Manzatto (1994) de que a teologia não seja abstrata, separada da experiência de fé das comunidades cristãs, justifica sua investida de reflexão teológica a partir da literatura, pois o texto literário, mesmo sendo uma obra de ficção, parte da experiência e do real vivido.

Outro modo de se conceber a relação entre teologia e literatura em perspectiva dialogal é através do método da *analogia estrutural*, articulado por Karl-Josef Kuschel. Na apresentação de seu método, Kuschel, além de distinguir, também recusa outros dois métodos: o *confrontativo* e o *correlativo*. No primeiro, a crítica de Sören Kierkegaard e Karl Barth à arte está na base. Nesse método a revelação está distanciada da estética ao mesmo tempo que a Palavra de Deus tem total independência de uma abordagem artística para ser interpretada (KUSCHEL, 1999). O segundo método (o da correlação), que vem no rastro de Paul Tillich e dos teólogos do Vaticano II, entende a relação entre

teologia e literatura a partir do esquema pergunta-resposta (KUSCHEL, 1999). Nesse método, a literatura levanta as grandes questões da vida e do mundo, enquanto a teologia fica responsável pelas respostas a essas perguntas. Em ambos os métodos, a literatura não tem relevância em relação à teologia. No caso do método confrontativo, ela fica reduzida ao erro, e no método correlativo seu papel é ser o veículo das questões humanas para que a teologia ofereça as respostas corretas (KUSCHEL, 1999).

Como alternativa a esses métodos, Kuschel apresenta o *método da analogia estrutural*, que busca estabelecer uma via de mão dupla entre literatura e teologia, de tal maneira que possa haver mútua contribuição e correção. Analogia significa que as semelhanças são assumidas, assim como as diferenças são definidas. Com isso, fica garantida a independência de cada uma das aproximações à realidade. Ou seja, a alteridade da literatura não é ferida e nem o mundo fica sujeito a um processo de cristianização defendido por uma teologia. São destacadas, portanto, as diferenças entre teologia e literatura. Nas palavras do próprio Kuschel:

[...] objetiva-se aqui uma teologia que procure o diálogo com a literatura em favor do próprio discurso teológico acerca de Deus, sem incorrer, de sua parte, em mera adaptação cultural ou na nivelação anuladora de uma ausência de contornos claros para si mesma... Em suma... uma estilística do discurso adequado para falar de Deus nos dias de hoje (KUSCHEL, 1999, p. 223).

Compartilho, aqui, da ideia segundo a qual o texto literário já propõe que se repense sobre elementos mordentes referentes à fé cristã. Esse procedimento se dá não apenas no reconhecimento de que a produção literária, por estar num contexto histórico-cultural marcado pela religião, terá que lidar com os temas religiosos. Existem muitos exemplos de *leitura teológica na obra literária* no contexto brasileiro e latino-americano, além de outros países. Certamente Adélia Prado é fonte inesgotável para exprimir essa intimidade da teologia na obra literária, como pode ser visto no poema “A catecúmena”:

Se o que está prometido é a carne incorruptível,
é isso mesmo que eu quero, disse e acrescentou:
mais o sol numa tarde com tanajuras,
o vestido amarelo com desenhos semelhante urubus,
um par de asas em maio é imprescindível,

multiplicado ao infinito, o momento em que
palavra alguma serviu à perturbação do amor.
Assim quero “venha a nós o vosso reino”.
Os doutores da Lei, estranhados de fé tão ávida,
disseram delicadamente:
vamos olhar a possibilidade de uma nova exegese
deste texto. Assim fizeram.
Ela foi admitida; com reservas.
(PRADO, 1991, p. 145)

Chamo a atenção para o fato de que há no texto adeliانو acima transcrito uma total autonomia como literatura e, ao mesmo tempo, interessantes desafios teológicos, pois apresenta uma reflexão sobre aspectos importantes da teologia. A condição de finitude (carnal) e sua relação com o símbolo da encarnação, com uma compreensão do reino de Deus extremamente humana são tratadas criticamente no texto. É central a incorruptibilidade do corpo que manifesta o desejo de viver e crer. A problematização é crítica a um discurso religioso e teológico e mostra a dificuldade que representantes oficiais da instituição têm para lidar com outras experiências da verdade que defendem. Ou seja, mesmo resguardando sua autonomia de texto literário, o poema configura-se como uma reflexão sobre importantes categorias teológicas e para a existência humana.

2 Considerações sobre mística e poesia

Ao se falar de mística nos círculos acadêmicos, é bem provável que alguns pensem somente em textos da era medieval. Contudo, contemporaneamente há uma linha de estudos sobre a mística que são as manifestações de uma mística secularizada (estética), nascida no seio da modernidade. Meu estudo tem como objeto a obra da poeta mineira Adélia Prado que se apresenta, para a surpresa de muitos, como uma poética mística, em que desejo e finitude emergem inseparáveis no universo ficcional por ela construído.

A mística, como se sabe, aponta essencialmente para uma experiência, para algo que escapa a uma definição clara. Parece certo que ao se falar sobre mística certo fracasso discursivo já está programado. Nessa perspectiva, o termo “místico” é carregado de mal-entendidos e ambiguidades, por causa do seu uso dentro e fora da esfera religiosa e também na perspectiva das várias ciências (VELASCO, 1999; 2004; TRESMONTANT, 1980). Nas línguas modernas, o termo mística é uma transcrição do

adjetivo grego *mistikós*, que deriva da raiz indo europeia *my*, presente em *myein*, que significa fechar os olhos e fechar a boca, vindo daí o termo “míope”, “mudo” e “mistério”. Mas é dessa linha que se chega a algo oculto, não acessível à vista, do que não se pode falar através das ciências (VELASCO, 2004). Nesse sentido, mística designa uma vivência interior profunda e misteriosa.

Definir mística pode trazer algumas implicações epistemológicas, pois para alguns estudiosos, a experiência mística é não mediada e tem sempre um fundo comum transcendente. Com isso, é possível perceber semelhanças entre experiências místicas cristãs, islâmicas, orientais etc. Por outro lado, há aqueles que entendem as experiências místicas sempre mediadas pela cultura, pela tradição religiosa e por seus dogmas, não havendo, assim, um fundo comum entre as experiências. Dessa forma, enfatizam-se as diferenças entre as experiências místicas. À margem dessa discussão, é possível afirmar que na base das religiões está uma experiência do mistério, isto é, uma experiência mística. Quando homens e mulheres personalizam a experiência do mistério há o sentimento de ser habitado por ele.

Outro aspecto importante é que a vida mística não pertence necessariamente ao irreal ou ao imaginário, como alguns podem pensar. Na verdade, ela pertence ao mundo do ser e tem a ver com o modo mais profundo de conhecimento a que o ser pode chegar. A mística não se deixou capturar nem pela emergência do pensamento lógico, tampouco pela doutrina dogmática. Enquanto a filosofia é uma reflexão racional sobre os fundamentos e supõe uma cisão entre aquele que reflete e o objeto de sua reflexão, a mística busca conhecer o que é fundamental por experiência imediata, por fusão, suspendendo a dualidade entre sujeito e objeto.

Então, falar de mística é, antes de tudo, falar de conhecimento. Mas de conhecimento adquirido pelo caminho da experiência. Não se trata de teoria sobre algo ou discurso sobre ele, antes, de uma experiência que se tem com aquilo que se quer conhecer. Isso se dá através de uma fala que é muito mais aproximativa do que conceitual. Assim, a linguagem preferencial é a metáfora, o símbolo, a analogia. A experiência mística é, portanto, uma experiência de “transcender a cisão da existência, mesmo a mais profunda e geral de todas as cisões: aquela entre sujeito e objeto” (TILLICH, 2001, p. 43).

Contrariamente à linguagem descritiva, conceitual ou explicativa, a mística nada exclui. Trata-se de compreensão imediata daquilo que é fundamental, que se pode compreender a partir de uma relação de envolvimento com aquilo que se deseja compreender. Em geral, é uma experiência de união do ser humano com o todo, com o Uno – para lembrar Plotino –, de unidade com a totalidade da natureza, como queriam os românticos.

Quanto à poesia, não quero me prender e nem me perder em longas conceituações, pois isso, certamente seria cansativo e desviaria muito do objetivo traçado para essas rápidas considerações. Todavia, não é possível passar sem dizer o mínimo sobre o que considerarei aqui como poesia.

Para algumas pessoas, é bem possível que poesia tenha a ver com “cultura”, com uma produção intelectual altamente complexa, algo a que somente alguns privilegiados têm acesso através de “corretos” instrumentos interpretativos e que têm a chancela da crítica literária ou do cânone.

Contudo, começo afirmando que poesia é um movimento de nomear, que nada tem a ver com o definir científico. Nomear, na poesia, está sempre “além do dito, além do sentido, além do pensado, além de nossa própria capacidade de compreender e de interpretar, na totalidade... Lá onde o Ser habita. Na sua ‘casa’, na Linguagem” (MENDES, 1985, p. 184). A poesia capta e profere o sentido que pulsa em todas as coisas que são e que ainda serão; ajuntar e distribuir. *Logos e physis*, segundo Heidegger (1969). O minúsculo poema “Golpe” (LEITÃO, 1984, p. 41) apresenta essa perspectiva da poesia □ nomear: “Poder / Foi o de Adão / Que deu nome às coisas”.

Nesse golpe reside a força da poesia, ao recordar e atualizar a atividade do primeiro homem, que é nomear as coisas. Apresenta as coisas sempre pela primeira vez e faz com que também olhemos as coisas de novo, com olhar renovado, pela primeira vez sempre. Segundo Heidegger, é através da linguagem que as coisas chegam a ser (HEIDEGGER, 1969, p. 44); a palavra dá existência ao Real. Mas, o abuso da linguagem, as frases feitas, a sua instrumentalização nos faz perder o sentido autêntico das coisas. Contudo, a poesia é que pode restituir essa capacidade de perceber as coisas.

Ainda seguindo esse rastro heideggeriano, nomear não é simplesmente atribuir títulos, rótulos ou palavras. Nomear, pode-se dizer, é devolver às coisas a sua realidade, a

sua força mágica, o seu “vigor dominante” (HEIDEGGER, 1969). Nesse sentido, a relação da palavra e da coisa, da poesia e do real é consubstancial. Dessa forma, recupera-se a ligação primordial da palavra com o pensamento religioso e mítico. Adélia Prado (1997, p. 5) expressa de modo contundente a relação entre experiência poética e experiência religiosa: “A poesia me faz perceber a pulsação das coisas. Isso que é poesia, e a isso chamo também de experiência religiosa”. Esse é o tom dado pela autora de “Bagagem”. Por isso, a poesia, assim como a religião, deve ser compreendida como dimensão que nasce de uma profunda experiência presente no universo poético por ela tecido, e não apenas como um dado construído pela cultura.

A partir dessa noção de poesia e mística quero refletir sobre como a obra de Adélia Prado conjuga essa estreita relação mostrando que o universo ficcional por ela tecido apresenta um caminho que revela profundo desejo de unidade.

3 A poética mística de Adélia Prado

Na obra de Adélia Prado, a poesia é como um portal que possibilita o acesso ao sagrado, à redenção, à transcendência. Trata-se de um modo de fazer poesia que usa uma forma singular de linguagem, que não se divorcia do cotidiano e, ao mesmo tempo, é inseparável do sagrado. No universo ficcional construído por ela, todas as dimensões da existência humana são perpassadas pelo sagrado. Desse modo, experiência religiosa e poesia se confundem, pois elas dão conta, como testemunhas, do pulsar das coisas e da própria vida. Com isso, os acontecimentos cotidianos, aqueles mais simples e corriqueiros, como um guarda-chuva encostado num canto, o ato de comer, de namorar são encantados pelo toque da poesia. A partir desse toque poético tudo se harmoniza e se integra.

Sua poesia não apenas estabelece um diálogo ingênuo com a religião, assim como também não é simplesmente catequética. Antes, sua poética é religiosa, porque testemunha o latejar do mistério da vida, pois, segundo o filósofo tcheco Vilém Flusser (2002, p. 16), a religiosidade se caracteriza na “capacidade para captar a dimensão sacra do mundo”. É nesse sentido que a poética de Adélia Prado é religiosa, pois tem a capacidade e a sensibilidade de captar essa dimensão sagrada do mundo nas coisas mais simples e

corriqueiras. Além disso, a poesia adeliana problematiza criticamente aspectos caros à teologia cristã, como a salvação, por exemplo. Trata-se de um dos aspectos que identificam o cristianismo, tendo como referência central a vida e a obra de Jesus Cristo. Entretanto, o poema “Guia” (PRADO, 1991, p. 63) apresenta uma perspectiva ousada, pois a poesia se mostra como possibilidade de redenção:

A poesia me salvará.
Falo constrangida, porque só Jesus
Cristo é o Salvador, conforme escreveu
um homem – sem coação alguma –
atrás de um crucifixo que trouxe de lembrança
de Congonhas do Campo.
No entanto, repito, a poesia me salvará.
Por ela entendo a paixão
que Ele teve por nós, morrendo na cruz.
Ela me salvará, porque o roxo
das flores debruçado na cerca
perdoa a moça do seu feio corpo.
Nela, a Virgem Maria e os santos consentem
no meu caminho apócrifo de entender a palavra
pelo seu reverso, captar a mensagem
pelo arauto, conforme sejam suas mãos e olhos.
Ela me salvará. Não falo aos quatro ventos,
porque temo os doutores, a excomunhão
e o escândalo dos fracos. A Deus não temo.
Que outra coisa ela é senão Sua Face atingida
da brutalidade das coisas?

É interessante como o eu poético se deixa conduzir pela poesia estabelecendo estreita relação com um cristianismo que está ligado ao desejo de ascese. A poesia é a porta que dá acesso ao sagrado, é a possibilidade de transcendência, pois que outra coisa a poesia é senão a Face de Deus atingida da brutalidade das coisas? Ela provoca a estranheza no ser humano que se confronta com a finitude de sua existência diante do mistério das coisas que são obscuras – “opacas” (FLUSSER, 2002, p. 17). Mas, os versos do poema citado mostram ainda o papel desempenhado pela poesia: perceber o real. Afinal, as coisas pulsam e muitas vezes não são percebidas (FLUSSER, 2002), e é esse também o papel assumido pela poesia: revelar a realidade e salvar o ser humano da irrealidade, que é o mundo não religioso.

Tenho chamado de mística a poética de Adélia Prado e é fácil perceber que ela está claramente identificada com a mística cristã, em pleno exercício de meditação e

contemplação, que através de uma operação poética revela o desejo de unidade. Lembro, aqui, o teólogo alemão Jürgen Moltmann, ao afirmar que meditação é um modo de conhecimento que acontece pela participação de um objeto, enquanto que a contemplação é o ato reflexivo de tornar-se consciente de si mesmo nessa meditação. Assim, quem medita mergulha em seu objeto, é absorvido por ele e nele se perde. Na contemplação há o despertar para a lembrança, o retorno a si mesmo depois da saída de si (MOLTMANN, 1998). Por isso, Moltmann afirma que meditação cristã é algo concreto e objetivo; uma forma de conhecimento participativo, colocando aquele que medita no interior da história do Cristo. Nesse sentido, o eu poético do já citado “Guia” mostra que entende a paixão de Cristo e entende a palavra pelo lado oposto ao da tradição teológica; também pela poesia aceita a finitude, a beleza e o corpo.

Outro aspecto que quero enfatizar sobre a poética adeliana é a oportunidade que se abre à reflexão sobre a condição humana, sobre pensar os limites da vida, pensar na sua própria finitude. Paradoxalmente, pensar a finitude é pensar na expansão da vida, e pensar na expansão da vida é pensar na finitude. A morte, como horizonte, sempre desafia o ser humano a refletir sobre o significado de sua existência, pois vida e morte são duas faces da mesma condição humana. Nesse caso, a poesia é que oferece a possibilidade de o ser humano transcender a sua condição, reconciliando vida e morte (PAZ, 1982), ao mesmo tempo que confere consciência da temporalidade da existência. Isso acontece porque na poesia instaura-se um tempo diferente, que não está sujeito ao tempo reduzido pelo espaço¹. O poema “Campo santo” (PRADO, 1991, p. 173-174) mostra de modo belo e contundente essa perspectiva de reconciliação entre vida e morte:

Na minha terra
a morte é minha comadre...
a grande tarefa é morrer...

Enegrecidas de chuva e velas,
adornadas de flores sobre as quais

¹ Essa questão do tempo é uma interessante marca da filosofia contemporânea, que se mostra voltada para pensar na questão do tempo originário, da poesia, do erótico. Nomes representativos são: Paul Ricoeur, Hannah Arendt, Martin Heidegger, Henri Bergson, Friedrich Nietzsche. Em Hannah Arendt, por exemplo, temos a perspectiva de o tempo ser uma tentativa de sair do reducionismo do tempo pelo espaço. Ao que parece Arendt fala de um tempo que não é cíclico, não é teleológico, mas é algo diferente e novo, mesmo na atividade do pensar que sempre foi associada ao espaço. A ênfase está no instante, no aqui, numa sucessão de “presentes” (ARENDR, 2000).

sem preconceito as abelhas porfiam,
a vida e a morte são uma coisa só...

Ressurgiremos. Por isso
o campo-santo é estrelado de cruzes.

No pequeno poema “O vestido” (PRADO, 1991, p. 108) essa perspectiva da finitude, da consciência da temporalidade da existência e, ainda, da instauração da nova realidade mística numa verdadeira fusão entre sujeito e objeto também estão presentes.

No armário do meu quarto escondo de tempo e traça
meu vestido estampado em fundo preto.
É de seda macia desenhada em campânulas vermelhas
à ponta de longas hastes delicadas.
Eu o quis com paixão e o vesti como um rito,
meu vestido de amante.
Ficou meu cheiro nele, meu sonho, meu corpo ido.
É só tocá-lo, volatiza-se a memória guardada:
eu estou no cinema e deixo que segurem minha mão.
De tempo e traça meu vestido me guarda.

O poema mostra que na casa onde ficam o armário e o vestido também é o espaço privilegiado onde são guardados lembranças e objetos. O vestido é usado para acionar a memória. É descrito como sendo muito belo e traz à tona a sensualidade; é, portanto, um instrumento de sedução. No deslocamento operado, o vestido passa a ser aquele que anuncia a vivência amorosa de outrora. Se no início o eu poético é o sujeito que guarda o vestido, ao longo da rememoração ocorre uma mudança, pois, ao se aproximar mais do objeto e das lembranças que dele emanam, o sujeito vai se transformando em objeto dessa lembrança. Ocorre, portanto, uma fusão entre sujeito e objeto; entre quem deseja e o desejado. Com isso, o vestido assume outra prerrogativa: instrumento de sedução que preserva do tempo e da traça; guardião de sonhos. Através da operação poética, o tempo congela e não provoca erosão, antes, ludibria o tempo criando uma brecha a partir da qual lança poeta e leitor para além da história, no tempo poético da linguagem que revela a beleza do mundo. Nesse sentido é que se dá a aceitação do corpo, que parece ser o que está em jogo quando se fala de busca da integridade, da harmonia; aceitação do corpo na aceitação dos seus limites.

4 Uma mística da vida diária

A compreensão da manifestação de Deus na cultura cristã ocidental aponta, em geral, para o distanciamento. Ou seja, na tradição teológica ocidental, Deus está separado do mundo, no ponto mais alto, de modo inatingível, com poder e domínio. Entretanto, na obra adeliana emerge uma teologia que nos lança em outra direção, pois em sua poética mística do cotidiano tudo é sacralizado e todas as coisas têm de volta a sua força mágica. Nesse sentido, desejo e finitude ali também se confundem e se configuram como elementos complementares².

Chama a atenção o fato de a poética adeliana ser plena de uma caminhada em direção a Deus marcada por uma profunda sacralização do corpo assumido como morada da divindade. Isso é o que testemunha o poema “Direitos humanos” (PRADO, 1991, p. 465), através de uma interessante articulação entre o finito e o infinito, entre o humano e o divino.

Sei que Deus mora em mim
como a sua melhor casa.
Sou sua paisagem,
sua retorta alquímica
e para sua alegria
seus dois olhos.
Mas essa letra é minha.

Ideia e articulação que ainda estão presentes no poema “A necessidade do corpo” (PRADO, 2010, p. 28), de sua obra mais recente:

Nenhum pecado desertou de mim.
Ainda assim eu devo estar nimbada,
porque um amor me expande.
Como quando na infância
eu contava até cinco para enxotar fantasmas,
beijo por cinco vezes minha mão.
Este é o meu corpo,
corpo que me foi dado para Deus saciar sua natureza onívora.
Tomai e comi sem medo,
na fímbria do amor mais tosco
meu pobre corpo
é feito corpo de Deus.

² Perspectiva semelhante é apontada por Barcellos (2003).

O desejo de união perpassa a poética adeliana, como tenho afirmado, e nesse sentido configura-se como uma poética mística. A estratégia poética para objetivar esse desejo se dá assumindo o corpo como espaço sacro onde a vida e a morte estão sempre presentes, como nos versos do poema “O Reino do céu” (PRADO, 1991, p. 126):

Quando eu ressuscitar, o que quero é
a vida repetida sem o perigo da morte,
os riscos todos, a garantia:
à noite estaremos juntos, a camisa no portal.

Na modernidade houve grande rejeição à religião, através de pensadores que se opuseram radicalmente ao espírito medieval. A crítica gravitava sobre o modo de viver a religiosidade sob a tensão corpo/espírito que inibia a vitalidade. Essa crítica às tradicionais representações de Deus como ser supremo e pessoal, encontrou em Friedrich Nietzsche seu resultado final (COSTA JÚNIOR, 2008). Não se pode dizer que a tensão entre experiência religiosa e vitalidade se fundamenta nem nos textos bíblicos, nem no judaísmo, nem nas origens do cristianismo. Agostinho foi a grande influência pela sugestão de abandono do corpo e do mundo, na busca por Deus e pela alma. Em Agostinho estão as bases teológica e antropológica da espiritualidade ocidental, que provocaram demasiada desvalorização do corpo e da natureza.

Na perspectiva da história das ideias, Agostinho falava da peregrinação da alma rumo ao além, a fim de ela encontrar-se com Deus. Para esse fim, impera a necessidade de abandonar tudo aquilo que é terreno. Mas, a poética adeliana nada tem de desprezo ao corpo ou enfraquecimento da vida. Antes, o que prevalece no espaço poético tecido pela mineira de Divinópolis é uma experiência religiosa em que se experimenta Deus no corpo que é assumido como espaço sagrado onde a vida e a morte se revelam e onde acontece o encontro com Deus. Por ser assim concebido, na poética adeliana não se reivindica nenhuma santificação ao corpo, porque nele não há pecado. Essa expressão teológica que subverte a teologia cristã tradicional está presente no poema “Deus não rejeita a obra de suas mãos” (PRADO, 1991, p. 320):

É inútil o batismo para o corpo,
o esforço da doutrina para ungir-nos,
não coma, não beba, mantenha os quadris imóveis.

Porque estes não são pecados do corpo.
À alma sim, a esta batizai, crismai,
escreverei para ela a Imitação do Cristo.
O corpo não tem desvãos,
Só inocência e beleza,
tanta que Deus imita
e quer casar com sua Igreja
e declara que os peitos de sua amada
são como filhotes gêmeos da gazela.
É inútil o batismo para o corpo.
O que tem suas leis as cumprirá.
Os olhos verão a Deus.

O poema, com sua radical afirmação do corpo, está na contramão da tradição mística agostiniana, que muito influenciou a tradição teológica cristã. Mas é curioso também verificar como essa radical afirmação da vida se conjuga com o fato de que a morte está presente em sua obra, como revela o já citado poema “Campo santo”, mostrando que a morte é parte da vida. Mais do que seguir em direção à morte, viver é morrer e, desse modo, é como se a morte não fosse uma oposição à vida e, por isso, o eu poético afirma que “*a grande tarefa é morrer*” (PRADO, 1991, p. 173). Seria, então, da percepção da finitude e da brevidade da existência que se pode ter o sentimento de plenitude? Talvez por isso Moltmann vai afirmar que “a mais profunda das místicas talvez seja a mística da vida diária; a verdadeira humildade é o aceitar a baixeza da própria vida, e o viver em Deus o simples existir” (MOLTMANN, 1998, p. 201).

Conclusão

Procurei mostrar ao longo destas poucas páginas que a poesia de Adélia Prado aventura-se em outras águas, que não são do oceano literário, e, com isso, sai enriquecida. Essa abertura para além do literário nada tem a ver com processos artificiais de afirmação da existência humana, projetos políticos, sociais ou algo parecido, mas se trata de uma afirmação da vida humana liberta das pretensões de projetos grandiosos. É, portanto, uma abertura que funciona como uma caminhada rumo à iluminação mística.

Além disso, o diálogo crítico estabelecido com a teologia cristã mostra certo distanciamento da cultura teológica e religiosa, em benefício de um conhecimento interior.

“Sei que Deus mora em mim / como a sua melhor casa” é o que está no já citado poema “Direitos humanos”.

Finalmente, há na poética de Adélia Prado um profundo sentimento de plenitude, de inteireza, de gozo do corpo e da alma, sem descontinuidades: morte e vida, Deus e humano, finito e infinito, tudo inteiro. Sua poesia mística não se coloca como crítica do abandono do mundo e também não propõe a sua salvação, mas a seta aponta para o corpo, para as coisas miúdas da vida diária, que ganha sentido na nomeação do inominável, de Deus.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e espiritualidade: uma leitura de *Jeunes Années***. Bauru: EDUSC, 2001.
- BARCELLOS, José Carlos. Mulher da palavra. In: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; YUNES, Eliana (Orgs.). **Mulheres de palavra**. São Paulo: Loyola, 2003.
- COSTA JÚNIOR, Josias. Vitalidade e religião. In: **Religião em diálogo: considerações interdisciplinares sobre religião, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Horizontal, 2008.
- FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- KUSCHEL, Karl-Josef. **Os escritores e as Escrituras: retratos teológico-poéticos**. São Paulo: Loyola, 1999.
- LEITÃO, Claudio. Golpe. **Aiô**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 41, fev. 1984.
- MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras**. Teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MANZATTO, Antonio. **Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado**. São Paulo: Loyola, 1994
- MENDES, Angela Maria Fabiana. Literatura, mito e linguagem. In.: SAMUEL, Rogel (org.). **Manual de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOLTMANN, Jürgen. **O Espírito da vida**. Por uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1998.

PAZ, Otavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PRADO, Adélia. **A duração do dia**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

PRADO, Adélia. Mística e poesia. **Revista Magis Cadernos de Fé e Cultura**, n. 21, ano 1997. Disponível em: <http://www.clfc.puc-rio.br/pdf/fc21.pdf>. Acesso em 28/08/2011.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. São Paulo: Arx, 1991.

SAMUEL, Rogel (org.). **Manual de Teoria Literária**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. 6.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

TRESMONTANT, Claude. **La mística cristiana y el porvenir del hombre**. Barcelona: Herder, 1980.

VELASCO, Juan Martin, **El fenómeno místico: estudio comparado**. Madrid: Editorial Trotta, 1999.

VELASCO, Juan Martin, **La experiência mística, estudio interdisciplinar**. Madrid: Editorial Trotta, 2004.